



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

AZEVEDO DA FONSECA, ANDRÉ

O valor do “egocard”: afetividade e violência simbólica na rede Fora do Eixo
Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 22, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp.
94-119

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551018006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Imaginário

doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2015.1.19461>

O valor do “egocard”: afetividade e violência simbólica na rede *Fora do Eixo*¹

The value of “egocard” affectivity and symbolic violence in “Off-Axis network”

ANDRÉ AZEVEDO DA FONSECA

Doutor em História (Unesp). Pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ).
Professor no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
<azevedodafonseca@gmail.com>

RESUMO

A rede Fora do Eixo, constituída por coletivos de produtores culturais e ativistas atuantes no cenário alternativo brasileiro, tornou-se amplamente conhecida a partir de 2013 com a atuação da Mídia Ninja – experiência formulada no âmbito da rede. De que modo o imaginário de irmandade, união e cumplicidade entre o grupo pode ocultar o emprego de violência simbólica para forjar a imagem de coesão e intensificar as dinâmicas de organização e mobilização? Para analisar as tensões e contradições nas práticas colaborativas entre os integrantes, a pesquisa no campo interdisciplinar entre a Comunicação e a História Cultural emprega o método da análise documental sobre dados obtidos em entrevistas, observação participante, acompanhamento de listas de e-mail e redes sociais. Notamos que, em um ambiente de relações de trabalho informal baseadas em pactos de honra e dívidas de gratidão, a fabulação do imaginário de que eles constituem um movimento histórico e revolucionário, análogo ao modernismo e ao tropicalismo, representa a motivação central que legitima as violências simbólicas em nome da causa idealizada.

PALAVRAS-CHAVE: Circuito Fora do Eixo. Violência simbólica. Imaginário.

ABSTRACT

The Off-Axis network, made up of groups of cultural producers and activists who are active on the Brazilian alternative scene, has become widely known since 2013 through the use of Ninja Media – experience made within the network. How can the imaginary of brotherhood, union and complicity between the groups hide the use of symbolic violence to forge the image of cohesion and enhance the dynamics of organisation and mobilisation? To analyse the tensions and contradictions in the collaborative practices among members, research in the interdisciplinary field between Communication and Cultural History uses the method of documentary analysis on data obtained from interviews, participant observation and monitoring email lists and social networks. We conclude that, in an environment where working conditions are informal, based on pacts of honour and debts of gratitude, the imaginary fable from which they are establishing a historic and revolutionary movement, similar to modernism and tropicalism, represents the central motivation that legitimises symbolic violence in the name of an idealised cause.

KEYWORDS: Off-Axis network. symbolic violence. Imaginary.

O *Fora do Eixo* (FdE) é uma rede de coletivos criada em 2005 a partir da articulação de produtores culturais independentes de Cuiabá (MT), Uberlândia (MG), Londrina (PR) e Rio Branco (AC). Inicialmente, um dos principais objetivos da parceria era a busca por alternativas para intensificar a circulação de bandas de *rock* entre os festivais que eles organizavam em suas cidades. No decorrer dos anos, o Circuito *Fora do Eixo* incorporou novos pontos à rede e conquistou notoriedade no cenário alternativo através de seus eventos integrados, cujo melhor exemplo é o *Grito Rock*.

Sob o discurso da solidariedade e do colaborativismo, os integrantes desenvolveram uma série de métodos de trabalho informal no campo da economia da cultura e atraíram o interesse de diversos agentes culturais, sobretudo a partir da experiência da criação dos *cards* – moedas complementares empregadas para atribuir valor às trocas de serviço, incentivar a interdependência entre os participantes, capitalizar o próprio circuito e estimular a promoção de eventos com recursos financeiros limitados.

Nos últimos anos, sobretudo a partir da criação de coletivos em São Paulo e outras capitais, a rede conquistou visibilidade, atraiu novos colaboradores, firmou parcerias com agentes dos três setores e se tornou mais conhecida entre artistas, público alternativo, fundações e empresas patrocinadoras, sendo considerada um exemplo de “novas estratégias de produção colaborativa e associativa” (Wanderlei, 2012, p. 92).

Entre as características marcantes do FdE, comparando-a com associações tradicionais de produtores culturais, destacamos o estímulo às práticas mutualistas; a ênfase nas redes sociais em suas estratégias de mobilização e publicidade; o empenho permanente para a construção de uma identidade grupal; o envolvimento em causas políticas, culturais e sociais; além do ativismo infomercial¹ – experiência que daria origem ao *Mídia Ninja*.

Desde o princípio, o *Fora do Eixo* também é alvo de críticas de músicos, produtores e ativistas que discordam de seus métodos e práticas ou se sentiram prejudicados pela rede. Muitas dessas ressalvas vieram à tona em agosto de 2013, quando artistas e ex-integrantes, insatisfeitos com a projeção repentina do *Fora do Eixo* e do *Mídia Ninja* após os protestos de junho, sentiram-se encorajados a publicar seus desabafos nas redes sociais e conceder entrevistas na imprensa. Nessa ocasião, a rede foi apresentada como uma organização hierarquizada, autoritária e messiânica, conduzida de forma arbitrária por um círculo restrito de líderes carismáticos sustentados por seguidores fieis e subservientes, em um ambiente de “estelionato, dominação psicológica e ameaças” (Bocchini; Locatelli, 2013). Para Yudice (2014, p. XXX), apesar do início promissor, o *Fora do Eixo* se tornou um movimento controverso que se dedica a cortejar elites políticas e corporativas em busca de poder.

O presente artigo analisa as práticas de motivação e violência simbólica empregadas no âmbito interno do *Fora do Eixo*, ressaltando-se o imaginário de afetividade e as estratégias de comunicação interna usadas para estimular uma atmosfera favorável ao trabalho coletivo.

Os métodos empregados para a coleta de dados foram: entrevistas com membros, ex-integrantes, parceiros e críticos; observação participante (presencial e virtual) no Congresso *Fora do Eixo* em 2011, em eventos promovidos pelos coletivos entre 2011 e 2012 e em reuniões de mobilização e planejamento; monitoramento de listas de e-mails dos coletivos e de redes sociais dos membros entre 2011 e 2014; além de leitura de artigos e comentários de usuários em blogs e revistas especializadas no cenário independente neste período.

A partir dos dados obtidos, realizamos a análise documental – método que, segundo Moreira (in: Duarte, 2005, p. 276) consiste em “um conjunto de operações intelectuais

que têm como objetivo descrever e representar os documentos de maneira unificada e sistemática para facilitar a sua recuperação”.

“

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, se deixar de respeitar a substância original dos documentos.” (Moreira, in: Duarte, 2005, p. 276).

Esta pesquisa, situada no campo interdisciplinar entre a Comunicação e História Cultural, se interessa pelo estudo das práticas, representações e imaginários sociais. Como explica Chartier (1985), as investigações nessa área procuram analisar as “classificações, divisões e delimitações” que organizam a apreensão do mundo social de um grupo em uma determinada época. “São esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.” (Chartier, 1985, p. 17).

Chartier demonstra que as representações sociais, formuladas nas lutas para atribuir sentido à realidade, são necessariamente determinadas pelos interesses do grupo que as elaboram. Através das representações, os agentes sociais forjam modelos exemplares de atuação, legitimam projetos e justificam escolhas e condutas. “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (Chartier, 1985, p. 17).

Para analisar as relações de poder nas práticas cotidianas, empregamos o conceito de imaginação social a partir da perspectiva de Baczko (1985). Nosso interesse no campo dos imaginários diz respeito à identificação das maneiras pelas quais os agentes sociais buscam um significado para a sua conduta e direcionam os seus comportamentos em função desse juízo. Se a realidade social é produzida a partir de uma rede de sentidos através dos quais as pessoas se comunicam e constroem uma identidade coletiva, o estudo dos sistemas de representações contribui para a compreensão dos marcos de referência simbólica que produzem sentido na vida de um “subuniverso” (Berger; Luckmann, 1973, p. 120).

Através dos imaginários, demonstra Baczko (1985), um grupo formula uma representação de si, elabora códigos de referência comportamental, estabelece modelos ideais de conduta, firma crenças comuns, organiza a distribuição dos papéis e forja a sua identidade. Deste modo, a representação tende a se tornar orgânica, de modo que cada elemento do grupo encontra o seu lugar e a sua razão de ser.

Por fim, para compreender as violências simbólicas empregadas para manter a coesão e sustentar as hierarquias no âmbito das relações internas, empregaremos a perspectiva teórica de Bourdieu (2006a) a respeito das formas elementares de dominação. Como explica o sociólogo francês, ao dispensar contratos rigorosos ou sanções precisas, os acordos “homem a homem”, fundamentados na fidelidade e nas relações encantadas do pacto de honra, criam um campo subjetivo favorável ao exercício da violência simbólica. Essas relações não-contratuais são tecidas dia a dia, mediante cuidados e atenções incessantes, fortalecimento dos laços afetivos e a propagação da ideia de que o integrante está generosamente instalado, usufruindo da casa como um membro da família, trocando a sua obediência pela proteção material ou simbólica do chefe.



Assim, neste sistema, existem apenas duas maneiras – que, afinal de contas, formam uma só – de segurar alguém de forma duradoura: a dádiva ou a dívida, as obrigações abertamente econômicas da dívida ou as obrigações morais e afetivas criadas e mantidas pela troca; enfim, a violência aberta (física ou econômica) ou a violência simbólica como violência censurada e eufemizada, isto é, irreconhecível e reconhecida.” (Bourdieu, 2006a, p. 205).

Por fim, importa observar que este trabalho não pretende estabelecer regras, firmar conceitos definitivos ou formular julgamentos éticos ou morais; pois, como argumenta Darnton (1986, p. 15) a análise cultural se trata, acima de tudo, de uma ciência interpretativa, à procura do significado. O objetivo é situar e compreender essas dinâmicas em termos gerais, desvelando regularidades e contradições. “Compreender, portanto, e não julgar”, argumenta Marc Bloch (2001, p. 30) é a função da análise histórica, que começa depois da observação e da crítica aos documentos. É preciso observar também que a análise engloba o período entre o início de 2011 e meados de 2013, anterior à emergência do Mídia Ninja e das críticas ao Fora do Eixo nas redes sociais e na imprensa.

Trabalho e vida

Um dos elementos notáveis do modelo de gestão experimentado pelo Fora do Eixo diz respeito à extraordinária produtividade baseada no trabalho informal dos integrantes. A noção geral é que os coletivos são constituídos por jovens adultos reunidos por vínculos de amizade e que realizam as atividades por livre e espontânea vontade, organizando as tarefas de acordo com as preferências, habilidades e temperamentos

de cada um. Normalmente são universitários, ex-estudantes que abandonaram o curso ou recém-formados nas áreas de Comunicação, Humanidades ou Ciências Sociais que, desiludidos com o mercado de trabalho em suas cidades no interior, ainda que amparados pelas famílias e confiantes no cenário econômico de baixo desemprego, decidem experimentar alternativas mais significativas para as suas vidas.

As atividades nos coletivos não são empreendidas sob a regulamentação das leis trabalhistas; pois, apesar de serem nítidas as diferenças de papéis entre aqueles interessados prioritariamente na produção e as lideranças que se destacam pela formulação das diretrizes, não há propriamente uma relação de patrão e de empregado, mas uma dinâmica de consentimentos e hierarquias orgânicas baseadas nos vínculos de confiança e de apoio mútuo, na reverência aos líderes e também no senso de comprometimento com a causa e o prazer genuíno de participar da rede.

É importante notar que o fundamento da legitimidade das lideranças no Fora do Eixo é nitidamente carismática. Como demonstra Weber (1993) o poder carismático diz respeito a uma autoridade que se assenta em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo, sustentado pela “devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas, por heroísmo ou por outras qualidades exemplares que dele fazem o chefe” (Weber, 1993, p. 57).

O “sistema hierárquico orgânico” dessa organização “tipo-seita” – para usar os termos de Maffesoli (2006, p. 145) – é fundamentado por aquilo que eles chamam de “lastro” – um termo empregado para dizer que os membros que mais se entregam à rede naturalmente têm mais respaldo do que aqueles que acabaram de chegar ou que participam menos. Em suas próprias palavras: “Ter o lastro na fala representa possuir peso, base e fundamento, pautados sobretudo nas práticas cotidianas e na construção de processo” (Glossário, s/d). Como notou Maffesoli (2006), nessas formas de organização, todos se sentem responsáveis por todos e por cada um. “Daí

a conformidade e o conformismo que suscita em seus membros” (Maffesoli, 2006, p. 145).

Em geral, as análises externas reafirmam a noção de que o *Fora do Eixo* é formado por coletivos nos quais “a organização se dá de forma horizontalizada”, “as decisões são tomadas predominantemente por consenso” (Barcellos; Dellagnelo, 2012, p. 11), “todos podem sugerir” e “a decisão é tomada em regime de votação” (Silva, Benevides, 2012, p. 154). O discurso da democracia interna é reiterado insistentemente entre os próprios membros nos eventos, nas entrevistas e nos testemunhos nos perfis no *Twitter* e no *Facebook*. Contudo, notamos que, a medida em que a rede cresce, as dinâmicas internas se tornam mais complexas do que essa suposta horizontalidade. Em outras palavras, se aquelas relações igualitárias ainda ocorrem no âmbito interno da maioria dos coletivos, a estrutura da rede e a relação entre os coletivos pequenos e as casas de maior destaque tem consolidado relações horizontais e verticais que constituem tramas mais intrincadas. Um ex-integrante declarou, por exemplo, que tinha saudades das primeiras reuniões on-line, quando as pessoas realmente conversam e deliberavam juntas, e se lamenta das atuais transmissões em que as diretrizes gerais são simplesmente comunicadas aos coletivos. Até mesmo pelos perfis do *Facebook* não é difícil distinguir entre aqueles que estabelecem as diretrizes e aqueles que as reproduzem. Nas listas de e-mail, é comum ver os coletivos periféricos se afirmando como a “base” do movimento, enquanto as chamadas lideranças nacionais convocam reuniões e estabelecem as frentes de trabalho.

Diferentemente das organizações cooperativas ou mesmo do movimento estudantil, que procura manter uma estrutura democrática com eleições e disputas internas abertas onde cada membro tem um voto nas deliberações institucionais, por exemplo, o *Fora do Eixo* mantém lideranças orgânicas e incontestáveis, procura expurgar as divergências internas, se empenha para firmar consensos para agir em bloco e atua

permanentemente para propagandar a felicidade constante dos membros, ao tempo em que mantém o silêncio sobre as dúvidas, divergências, contradições e disputas internas.

Em um primeiro olhar, observadores tendem a enxergar nos coletivos contemporâneos algumas dinâmicas neotribalistas apontadas por Maffesoli (2006), tal como a retomada dos antigos “agrupamentos afinitários”, que recriam a estrutura da “família ampliada” das comunidades pré-modernas. Sem remeter à consanguinidade, essas redes “retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional” (Maffesoli, 2006, p. 124). “Seja qual for o nome que se dê a esses agrupamentos”, argumenta o autor, “trata-se de um tribalismo que sempre existiu, mas que, conforme as épocas, é mais ou menos valorizado” (Maffesoli, 2006, p. 124).

Contudo, se no âmbito interno dos coletivos menores essas dinâmicas parecem mais presentes, em aspectos decisivos de sua macro-organização, o Fora do Eixo se distancia substancialmente da noção de neotribalismo. Maffesoli (2006) observou que as tribos urbanas são constituídas prioritariamente a partir da lógica da identidade. Assim, um grupo dessa natureza “recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão [de] ser a preocupação com um presente vivido coletivamente.” (Maffesoli, 2006, p. 130). Esse não é o caso do FdE, que se empenha para firmar posições políticas e proclamar suas finalidades, ao tempo em que reitera a marca de forma ostensiva nas redes sociais, de modo que os perfis pessoais dos integrantes são empregados sistematicamente (e quase que exclusivamente) para curtir e compartilhar conteúdos de interesse institucional – o que Garland (2012, p. 532) chamou de “promoção militante”. Por isso, notamos que a análise do FdE é melhor realizada a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu (2006b) – antípoda de Maffesoli (2006).

Mutualismo informal

Apesar de deterem diversos CNPJs, os integrantes da rede não têm carteira assinada, não ganham salário fixo e, quando questionados sobre direitos do trabalhador – tais como férias, descanso semanal remunerado, FGTS, previdência social, etc. – costumam sorrir de forma educadamente debochada, em um desdém displicente ao que entendem como preocupações ultrapassadas de quem não entende o processo que eles experimentam. Informalmente, algumas lideranças chegam a brincar, dizendo que estão construindo uma organização que permitiria, por exemplo, que eles se aposentassem aos 40 anos, recebendo da rede uma espécie de bolsa para se dedicar a novos projetos. São frequentes e recorrentes a enunciação dessas ideias, expressos em sentenças como: *Pra quem transformou o trabalho em VIDA não existe feriado!* (=) ou *Quem troca o trabalho pela vida não tem hora fixa e nem preguiça*.

Essa prática costuma ser um dos alvos mais caros à crítica da esquerda, que enxerga nessa atitude um discurso e uma prática afinados com o projeto liberal da desregulamentação trabalhista, contrária às conquistas históricas das lutas dos sindicatos de trabalhadores e condizente com a lógica patronal de precarização do trabalho – uma prática de exploração comum em empresas tradicionais no campo da economia da cultura, tal como expressou um popular artigo de Bernardi (2013). É importante notar que, mesmo sem seguir à risca as rotinas de uma organização estruturada nos princípios da economia solidária – tal como direito a voto, detenção de parcela igualitária do capital da associação e direito do integrante a receber sua cota do fundo divisível quando se retira da cooperativa, entre outros benefícios, tal como propõe Singer (2002, p. 9-15) – eles se consideram expoentes nesse campo; sobretudo depois de um encontro com o próprio Paul Singer, que em uma primeira impressão, baseada no testemunho animado das lideranças do FdE, disse gentilmente que o *Cubo Card* estava “no caminho certo” (OLIVEIRA, 2008). De todo modo, autores

como Costa (2011) também consideram o Fora do Eixo uma rede baseada na economia solidária.

No discurso corrente da rede, os membros não trabalham – no sentido convencional do termo – mas constroem uma trajetória pessoal e coletiva em que prazer, produtividade e protagonismo social estão indissociáveis. Mesmo quando são cobrados com severidade diante as demandas intermináveis, a interpretação que se procura reafirmar é que todos fazem o que gostam, estão plenamente conscientes sobre os riscos e benefícios e se sentem felizes e confortáveis por participar. A noção geral é que o trabalho intenso e diuturno que realizam não é alienado, pois ninguém está explorando a mão de obra de ninguém: todos estão juntos, investindo na rede, realizando as atividades com prazer, transformando as suas vidas e interferindo no mundo com criatividade.

Essa interpretação só é contestada por ex-membros que, por motivos pessoais, sentem-se magoados com o que consideram assimetrias ou mesmo arbitrariedades dessas relações. Dessa forma, sem generalizar a crítica a todos os pontos da rede, não é incomum ouvir uma série de insatisfações sobre as violências simbólicas e outras formas elementares de dominação admitidas silenciosamente pelos membros mais ativos. Para esses ex-integrantes, sob a intensiva propaganda da alegria e coesão que o Fora do Eixo veicula nas redes sociais – que não deixa de ser genuína em inúmeras circunstâncias – existem também práticas corriqueiras de assédio moral e coação exercidas sobre quem ameaça levantar divergências individuais ou representativas de seus microgrupos sobre as linhas definidas pelas lideranças.

Como demonstra Bourdieu (2006a, p. 205), a violência simbólica não se consome abertamente; ao contrário, se manifesta de forma dissimulada, irreconhecível, “sob o véu das relações encantadas” de dependência pessoal eufemizadas, cujo modelo oficial é a relação afetiva familiar.

A violência simbólica mais refinada, sempre denegada pelo chefe, aquela violência branda, “invisível, desconhecida como tal, tanto escolhida como suportada, a da confiança, da obrigação, da fidelidade pessoal, da hospitalidade, da dádiva, da dívida, do reconhecimento, da compaixão”, oculta sob o preço não declarado da cumplicidade, “generosidade”, da “distribuição ostentatória” e de todas as virtudes que prestam homenagem à moral da honra, explica Bourdieu (2006a, p. 206), “impõe-se como o modo de dominação mais econômico por ser mais adaptado à economia do sistema.” Toda essa dinâmica é o princípio da eficácia dessa alquimia social pela qual “a relação interesseira se transmuta em relação desinteressada, gratuita, e a dominação declarada em dominação desconhecida e reconhecida, isto é, em autoridade legítima” (Bourdieu, 2006a, p. 207).

Segundo ex-integrantes, se essa violência simbólica é oculta em todo o processo, ela às vezes se torna manifesta quando membros produtivos expressam a vontade de deixar a rede. Como não há contrato formal de trabalho, as relações são regidas por esses complexos vínculos e alianças baseadas na confiança e na fidelidade, no espírito de irmandade, na expectativa de reciprocidade, na conformidade, no compromisso mutualista, no sentimento de acolhida, na gratidão e na consequente dívida de honra estabelecida entre si e também entre os membros e a rede – frequentemente encarnada na figura das lideranças. A noção de que os coletivos constituem uma espécie de família, ou de irmandade, favorece a sensação de acolhida que conforta e provoca uma significativa elevação da autoestima, mesmo entre os mais tímidos. Quando questionados sobre a origem de tanta autoconfiança, os membros entrevistados foram unânimes em responder: saber que é apoiado pela rede. “Tâmo junto” é a expressão empregada para expressar esse estado de espírito. Ao se sentirem tão profundamente amparados pelo grupo, eles tendem a ocultar ou tolerar as contradições com mais naturalidade. E evidentemente, vínculos firmados com base na obrigação moral diante

a dívida de gratidão ao acolhimento são difíceis de serem rompidos – para o bem e para o mal.

Quando por algum motivo um membro se sente desconfortável com a preponderância do coletivo sobre a sua individualidade, o grupo tende a atacar sua argumentação para pressioná-lo a abandonar aquilo que chamam de “conflitos picaretas” (Glossário, s/d). Esses conflitos costumam estar relacionados a melindres pessoais resultados de algum embate mais duro com os colegas, mas também a desânimos circunstanciais, crises existenciais, desejos de consumo individualistas, desconfianças sobre as intenções dos líderes, insegurança em relação ao futuro ou qualquer ruído que atrapalhe o desenvolvimento dos trabalhos. As táticas de persuasão envolvem a reafirmação dos princípios comunitaristas da rede – todos admitem que, na construção de um projeto coletivo, não é fácil abrir mão do consumo individual para adotar o bem comum, expresso na vitalidade da rede – mas também se manifestam por meio de pressões psicológicas e mesmo práticas consideradas, pelos ex-membros, como uma espécie de *bullying*, presentes sobretudo no chamado “papo reto” e no “choque pesadelo” (Glossário, s/d) – ocasiões em que eles promovem embates internos de forma franca e frequentemente dura.

Para os membros ativos, esses termos se referem aos momentos de discussão necessários para que os relacionamentos internos não se deturpem em prejuízo do coletivo. Mas em geral, segundo os críticos, as opiniões que contradizem ou problematizam a posição das lideranças são definidas como “conflito picareta” que é assim explicado: “Desarticulação de ideias a respeito de uma situação. Ato de remoer questionamentos, sem explicitá-los para as demais pessoas da rede e sem buscar maior compreensão da situação a partir do diálogo.” (Glossário, S/D). Contudo, ex-integrantes declaram enxergar nessas práticas uma sessão de constrangimento em que, independente da argumentação, o questionamento que

diverge das linhas já estabelecidas nos níveis superiores será sempre e necessariamente contestado.

“

Papo reto é uma tática de poder. A noção é que o papo reto é falar o que vem à cabeça na hora da raiva. Mas é a hora que você está só reagindo, você nem pensou, eu acabava me arrependendo muito das coisas que eu falava no papo reto. Repetia as coisas que eu ouvia dos outros só pra agradar o grupo. Era um lugar raivoso.” (Leonardo Barbosa Rossato, em entrevista)

Imaginários da motivação

Naturalmente, se devemos desconfiar preventivamente dos discursos idealizados dos membros, é preciso também contextualizar a crítica dos ex-integrantes, sobretudo aqueles que acumulam mágoas devido a desavenças pessoais. Membros mais antigos já passaram por diversas experiências e sabem que regras de convivência são indispensáveis para que um coletivo formado por pessoas de diferentes procedências tenha um bom funcionamento. Lenissa Lenza (2011) conta que Pablo Capilé, no início do Espaço Cubo, mesmo vindo de família com boas condições financeiras, fazia questão de ficar no pior quarto e levar uma vida menos confortável do que os colegas para demonstrar sua boa vontade e conquistar respaldo (Lenza, 2011). Além disso, tivemos a oportunidade de notar uma disposição consciente de todos à privação voluntária em favor da rede e da causa. Assim, mesmo esgotados no fim do dia – ou da madrugada – eles se sentem felizes por participar.

Essa disposição só muda quando a confiança se rompe. Um dos motivos mais alegados para a desistência de membros mais ativos diz respeito precisamente ao excesso de normas estabelecidas para regular não apenas a rotina do trabalho diário, mas o próprio comportamento deles em grupo e até mesmo o uso que fazem de seus perfis nas redes sociais. “Qualquer coisa podia ser motivo para você tomar um esporro muito grande”, relata um ex-membro, afirmando ter sido alvo de reprimendas por ter postado reflexões pessoais nas redes sociais consideradas impróprias à imagem da rede.

“

Eu tinha uma ideia mais romântica do que seria uma gestão coletiva, em que todos iam cuidar da casa. Por exemplo: se sujei meu copo, eu deveria lavar. Mas as coisas na casa tinham tal intensidade que, se eu lavasse meu copo, sendo que essa não era a minha função, eu ia deixar de estar na minha estação de trabalho e tinha medo de ser repreendido.”
(Ex-membro 1)

Paradoxalmente, ex-integrantes costumam refletir também sobre o que entendem como uma espécie de isolamento social a que acabam submetidos quando se dedicam em tempo integral à rede. Os membros trabalham muito, estão sempre se relacionando com inúmeros agentes culturais, viajam, participam de eventos, produzem shows e promovem debates, entre muitas outras atividades. Mas aqueles que se desligam costumam sentir que haviam restringido o repertório aos temas do Fora do Eixo, deixando de lado a saúde, família e os amigos, e alguns chegam a lamentar o tempo em que abriram mão da vida individual, do lazer descompromissado, das sessões

de cinema e das conversas sobre assuntos fora do âmbito da rede, sem a cobrança constante por produtividade. Se por um lado essa percepção sugere uma espécie de enclausuramento dos integrantes nas atividades, temas e agentes ligados à rede, por outro lado demonstram a intensidade do compromisso que eles assumem para o trabalho.

Essas dinâmicas raramente são notadas pelos parceiros ou visitantes ocasionais, pois os membros do Fora do Eixo zelam muito pela própria imagem, de modo a não deixar transparecer as angústias e a dimensão menos amorosa dos mecanismos de coação interna. Por isso, até agosto de 2013, quando explodiram os testemunhos críticos, não víamos integrantes discutindo abertamente na Internet as contradições da rede. Na verdade, muitos desses temas são uma espécie de tabu e só aparecem discretamente nas conversas entre eles.

Para firmar toda aquela representação favorável, notamos um empenho sistemático de praticamente todos os envolvidos para estimular a imaginação da rede no sentido de reforçar os vínculos entre si, valorizar a identidade grupal e atribuir um sentido grandioso às suas atuações. A noção recorrente é que o Circuito Fora do Eixo é um projeto de vida, está realizando uma revolução cultural e vai se transformar em um movimento global. Por isso, um evento realizado pelo Fora do Eixo não é um mero espetáculo, mas uma “celebração coletiva” que promove uma “catarse geral”. Quando um grupo de líderes realiza uma viagem para visitar outros coletivos ou firmar novas parcerias, eles a dimensionam como uma jornada pelo interior do Brasil profundo, e utilizam o termo “coluna”, em alusão à coluna Prestes, em busca de atribuir à atividade um significado histórico, heróico e mítico.

Se eles fretam um ônibus para conduzir colegas e parceiros para a abertura de uma Casa Fora do Eixo, isso é apresentado nas propagandas internas como uma viagem histórica de pensadores e ativistas da cultura revolucionando as formas de atuação

política em um “ônibus *hacker*” transformado em um “campus móvel” da “Universidade Fora do Eixo” cruzando o país. Quando estavam montando a Casa Fora do Eixo Minas, por exemplo, os integrantes criaram um *teaser* para apresentar os moradores. Através de uma edição ágil e descolada, típica da estética *indie* contemporânea, o vídeo capturou alguns momentos do cotidiano dos futuros moradores e retratou um a um com seus nomes, valorizando-os como se fossem personagens de um filme, prestes a iniciar a nova jornada de suas vidas. (TVFDE, 2012)

Enfim, todas as iniciativas que empreendem, das mais complexas às corriqueiras, são ostensivamente propagandeadas e superdimensionadas nas mídias sociais por meio de uma profusão de imagens e slogans motivacionais. É notável o empenho permanente no sentido de se criar uma mitologia para atribuir aos integrantes, sobretudo as lideranças, a imagem de jovens guerrilheiros em uma luta cultural. Em busca constante por capital simbólico, “geralmente chamado de prestígio, reputação, fama” (Bourdieu, 2005, p. 135), eles não perdem a ocasião de participar de eventos considerados estratégicos para a visibilidade do Fora do Eixo e sempre buscam oportunidade de fotografar uns aos outros ao lado de personalidades da política e das artes para disseminar as imagens nas redes sociais e conquistar a admiração e o respeito de integrantes, parceiros e demais contatos.

Egocard

Um dos principais métodos empregados pelo Fora do Eixo para mobilizar membros e parceiros implica em firmar vínculos afetivos intensos para potencializar a realização dos trabalhos. Assim, ao lado dos *cards*, que servem para organizar os valores nas trocas de serviços, uma piada interna, parte por brincadeira e parte como definição consciente, disseminou na rede o termo *egocard* (Glossário, s/d). para se referir ao que eles chamam de valorização do ego e da autoestima de uma pessoa. Ultimamente, em

mais um empenho para abandonar o discurso monetário e abraçar uma perspectiva afetiva, eles têm preferido empregar a metáfora “felicidade interna bruta” para explicar a grande força que promove a prosperidade da rede. Ou seja, para eles, a satisfação genuína de jovens trabalhando no que gostam em nome de uma causa que amam é a principal geradora de riqueza e explica a força da rede.

Notamos que, na economia das trocas simbólicas do *Fora do Eixo*, o chamado *egocard* também se tornou uma moeda complementar empregada para seduzir, envolver e cooptar os integrantes e parceiros por meio de operações de lisonja e adulação. Através das mídias sociais e sobretudo nos momentos presenciais, os integrantes se dedicam a ações permanentes de autoelogio, excitando uns aos outros, celebrando constantemente as suas vidas nos coletivos e propagandeando cotidianamente, por meio de fotografias, cartazes digitais, vídeos e testemunhos, toda a delícia de participar da rede.

Parceiros do *Fora do Eixo* também são louvados em intensidade proporcional ao seu apoio. Quando um agente cultural visita um coletivo, ele é fotografado, apresentado e enaltecido para o conhecimento de todos. Se um jornalista escreve uma reportagem elogiosa, é saudado como “um dos maiores”, “um dos mais importantes”, e o seu texto é propagandeado pelas redes sociais como “excelente” e “ótimo”, independente da qualidade – ou mesmo da veracidade, desde que a versão seja favorável. Acadêmicos, ativistas e intelectuais que os elogiam em artigos ou comentários nas redes sociais são sistematicamente aplaudidos, de modo que a rede inteira é mobilizada para curtir e compartilhar os próprios louvores, em um empenho ativo para disseminar os textos simpáticos à rede. Parceiros fieis passam a ser convidados para participar das atividades nas mais diversas localidades e viajam com recursos da própria rede para proferir palestras e reafirmar as ideias que acreditam. E naturalmente, toda essa dinâmica tende a reforçar vínculos de afeição, amizade e solidariedade.

É correto dizer que essa aproximação também se dá pela sintonia os valores professados pelo *Fora do Eixo*, tal como o estímulo à participação social e o debate sobre políticas públicas de cultura. Isso não está em questão. Interessa-nos a consciência desenvolvida pelas lideranças sobre a importância do capital simbólico, dos aparelhos de celebração e dos circuitos de elogio mútuo, traduzidos pelo *egocard* – termo utilizado por eles mesmos para se referir a essa espécie de moeda complementar da vaidade. O que podemos notar é que os parceiros reverenciados como gurus no âmbito interno são precisamente aqueles que costumam tomar partido incondicional e estão sempre dispostos a fechar os olhos para as contradições e desqualificar de imediato qualquer natureza de crítica ao *Fora do Eixo*.

Conclusão

Observamos que, ao lado do prazer em trabalhar juntos, se conectar com colegas de várias localidades e construir uma rede de coletivos para estimular a circulação da cultura independente, uma das principais motivações no âmbito da rede *Fora do Eixo* se relaciona à noção interna de que eles constituem um movimento revolucionário, à altura do modernismo e do tropicalismo, de modo que quem está dentro vai ficar na história, e quem sair vai perder a oportunidade de viver uma experiência transformadora. Assumir-se como um protagonista histórico dessa magnitude parece particularmente sedutor para jovens do interior que provavelmente teriam pretensões mais modestas caso optassem por seguir uma carreira profissional nas suas cidades.

É interessante notar que essa representação, reafirmada através da publicidade interna, dos discursos e dos testemunhos, contribui de forma efetiva para motivar, mobilizar e conferir sentido às suas práticas. Em outras palavras, por acreditar genuinamente na causa e na potência da rede, eles se envolvem nas teias de significados que eles mesmos tecem para atribuir sentido ao seu subuniverso e vivem suas vidas

embriagados por esse imaginário. Por isso, é comum vê-los trabalhando apaixonados por iniciativas que parecem inexpressivas, mas que, graças à insistência da ação, dos depoimentos entusiasmados e da propaganda, começam a convencer e acabam se transformando em atividades significativas. De certo modo, vemos aí uma alquimia social que transforma uma quimera grupal em um imaginário mais amplo e, por fim, em uma ação interessante no campo da produção cultural e do ativismo infomercial.

Sem o estímulo e a segurança dos vínculos formais de trabalho, o empenho para atribuir sentido às suas práticas e valorizar ou recriminar determinados aspectos da atuação dos integrantes é permanente. Esse esforço compreende o estabelecimento de modelos exemplares de conduta, tal como a celebração da vida nos coletivos e a consequente desvalorização da vida individual ou familiar; o enaltecimento dos vínculos baseados nos laços de confiança e solidariedade em vez do contrato formal de trabalho; a glorificação do aprendizado livre com os próprios colegas e o desprezo ao saber acadêmico; além do louvor à entrega total à rede, medida pela intensidade do engajamento e da produtividade. Com isso, naturalmente, legitimam-se aqueles que encarnam esses códigos de referência comportamental – o abnegado, desprendido e extrovertido, com dedicação integral ao Fora do Eixo e, portanto, legitimado para firmar modelos ideais de conduta e organizar a distribuição de papeis na estrutura.

Parece não haver ações desinteressadas na rede. Tudo tende a se apresentar como instrumental e político: dos julgamentos de valor artístico, jornalístico ou intelectual, sempre favoráveis, quando se trata de cortejar parceiros ou apoiadores em potencial; aos *terabytes* de fotografias produzidas para reiterar a felicidade, o protagonismo e a vitalidade dos integrantes. Não é incomum acompanhar, na sequência de alguns dias de publicações de seus perfis nas redes sociais, um elogio aparentemente despretensioso a uma obra, ideia ou figura pública; que é logo seguido de um encontro

com o personagem elogiado e, por fim, de uma parceria ou declaração de apoio desta figura ao Fora do Eixo. Notamos também, acompanhando as listas de e-mail, que mesmo as causas que abraçam parecem ser escolhidas de acordo com o potencial de visibilidade que podem conferir ao FdE.

Nesse sentido, a recorrente afirmação da identidade também soa utilitarista, pois raramente se desvincula da propaganda da rede. É interessante observar o zelo que empregam ao publicar fotografias de integrantes do Fora do Eixo com personalidades da cultura e da política em várias circunstâncias, de encontros fortuitos a eventos gerais e reuniões privadas. Empenhados em disputar posições na esfera pública, mantendo vínculos ambíguos – ora de afinidade ora de rejeição – com empresas, meios de comunicação e o poder; conscientes da necessidade de obter, acumular e muitas vezes inflacionar capital simbólico em busca de se respaldar nas disputas de opinião no campo social, os integrantes da rede, sobretudo as lideranças, empregam tudo o que têm para promover a marca, as causas e as suas próprias figuras de representantes da rede.

No âmbito interno, se a informalidade acolhedora, as relações baseadas na fidelidade e a consequente imprecisão das sanções dos pactos de honra favorecem o exercício da violência simbólica, notamos que o imaginário de participarem em um movimento revolucionário parece selar a legitimação dessas violências – traduzidas nas obrigações de lealdade e gratidão. Em nome da grande causa, as práticas internas tendem a transformar relações arbitrárias em relações legítimas, de modo que as “diferenças de fato” entre líderes e base se tornam “distinções reconhecidas” – em outras palavras, admitidas como legítimas. Assim, quaisquer recursos empregados na organização da rede, na produtividade ou na busca de visibilidade da marca (ou dos líderes), do “papo reto” ao “choque pesadelo” e a outras práticas mencionadas nos desabafos de ex-integrantes, parecem legitimados. ●

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi: Anthropos – Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 296-332.
- BARCELLOS, R. de M. R. de; DELLAGNELO, E. H. do L. O surgimento do Circuito Fora do Eixo sob a ótica da Teoria Política do Discurso: uma reflexão. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GESTÃO-SOCIAL, 6., São Paulo, SP. *Anais do 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão-social*. Juazeiro do Norete, 2012. Disponível em: <<http://anaisenapegs.com.br/2012/dmdocuments/120.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BERNARDI, Tati. A gente não quer só cinema, a gente quer dinheiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/columnas/tatibernardi/2013/12/1379447-a-gente-nao-quer-so-cinema-a-gente-quer-dinheiro.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- BLOCK, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2006a.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2006b.
- BOCCHINI, Lino; LOCATELLI, Piero. Fora do eixo: ex-integrantes da entidade controladora do Mídia Ninja falam com exclusividade para CartaCapital e condenam práticas da organização. *Carta Capital*, São Paulo, 16 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-6321.html>>. Acesso em: 8 out. 2013.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985.
- COSTA, Eliane. A causa coletiva: políticas públicas culturais para o cenário das redes sob a perspectiva da ecologia digital (a experiência brasileira). *Cadernos Cenpec*, Nova série, v. 1, n. 1, dez. 2011. Disponível em: <<http://wwwh.cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/41/45>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GARLAND, Shannon. “The Space, the Gear, and Two Big Cans of Beer”: Fora do Eixo and the Debate over Circulation, Remuneration, and Aesthetics in the Brazilian Alternative Market. *Journal of Popular Music Studies*, v. 24, n. 4, p. 509-531, 2012.

GLOSSÁRIO Fora do Eixo. *Universidade Fora do Eixo/Fora do Eixo Letras*. [S/d.]. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1a3FFikLjI0gZ_UW1x-DsBDA2uF4JMfOc1wNdcTuCbtQ/edit?hl=en&ndplr=1#>. Acesso em: 10 jan. 2013.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MOREIRA, Sonia Virginia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, Cláudio. Economia Solidária se fortalece e ganha espaço em Mato Grosso. *Diário de Cuiabá*, Cuiabá, 19 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=323898>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

SILVA, Juliana Vaz da; BENEVIDES, Rubens de Freitas. O universo dos festivais independentes. *Emblemas: Revista do Departamento de História e Ciências Sociais – UFG/CAC*, v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article/view/28542/16028>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

WANDERLEI, Gustavo Tomé. Dinâmicas de espaços culturais independentes. In: VASCONCELOS, Ana; GRUMAN, Marcelo. *Políticas para as artes: prática e reflexão*. Rio de Janeiro: Funarte, 2012.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1993.

YÚDICE, George. Translator's introduction. In: CANCLINI, Nestor Garcia. *Imagined Globalization*. Duke University Press, 2014. Disponível em: <http://stage.dukeupress.edu/Assets/PubMaterials/978-0-8223-5473-4_601.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Documentos em redes sociais

SINGER, Beatriz. *Fora do Fora do Eixo*. São Paulo, 7 ago 2013. [Facebook: beatriz.seigner] Disponível em: <<https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254>>. Acesso em 26 mar. 2015.

BELLINI, Laís. *Comecei a escrever esse texto...* Mérida, 8 ago 2013. [Facebook: lcbellini]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lcbellini/posts/702021409824865>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

TVFDE. *Tá em Casa – Conheça os moradores da Casa FdE Minas*. 6 fev. 2012. Disponível em: <<http://youtu.be/UKVL-E--N68>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Sites e blogs pesquisados

Espaço Cubo. Disponível em: <<http://www.espacocubo.blogger.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2015..

Fora do Eixo. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Passapalavra. Disponível em: <<http://passapalavra.info>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Outras Palavras. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Movimento Soma . Disponível em: <<http://movimentosoma.blogspot.com>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Revista Dynamite. Disponível em: <<http://dynamite.com.br/jukebox/>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Universidade Nômade. Disponível em: <<http://uninomade.net>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Meu Palco. Disponível em: <<http://www.meupalco.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Fora do Beijo. Disponível em: <<http://foradobeico.tumblr.com/>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Revista Fórum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Rock Brasília. Disponível em: <<http://rockbrasiliadesde64.blogspot.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Alt Newspaper. Disponível em: <<http://www.altnewspaper.com>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Laboratório Pop. Disponível em: <<http://www.laboratoriopop.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Mingau de Aço. Disponível em: <<http://mingaudeaco.blogspot.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Dossiê FdE. Disponível em: <<http://dossiefde.wordpress.com>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Feministas pela Cultura. Disponível em: <<http://feministaspelacultura.noblogs.org>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Entrevistas concedidas a André Azevedo da Fonseca

ALENCAR, Atílio. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: atilio.mp3.

LIMA, Bianca. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: bianca.mp3.

AQUINO, Carlos de. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: carlos.mp3.

NOBRE, Claiton. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: claiton.mp3.

BERNARDES, Debora. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: debora.mp3.

AGUIAR, Driade. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: driade.mp3.

ALTENFELDER, Felipe. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: felipe.mp3.

NUNES, Francine. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: francine.mp3.

FEDEL, Gabriel. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: gabriel.mp3.

ESCUDEIRO, Henrique. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: henrique.mp3.

MARIA, Isis. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: isis.mp3.

BERTONE, Julia. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: julia.mp3.

MORGADO, Laura. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: laura.mp3.

LENZA, Lenissa. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: lenissa.mp3.

ROSSATO, Leonardo Barbosa. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: leonardo.b.mp3.

LIMA, Leonardo. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: Leonardo.l.mp3.

RESENDE, Letícia. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: leticia.mp3.

NOGUEIRA, Marcos Vinícius. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: marcos.mp3.

RAMIRES, Mariele. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: mariele.mp3.

PARRON, Michelle. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: atilio.mp3.

CASTRO, Ruan De. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: ruan.mp3.

FREITAS, Rubens de. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: rubens.mp3.

LOPES, Talles. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: talles.mp3.

OLIVEIRA, Tatiana. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: tatiana.mp3.

DEZAN, Thiago. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: thiago.mp3.

DAMASO, Silvana. Entrevista. [dez. 2011]. São Paulo. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: silvana.mp3.

EX-MEMBRO1. Entrevista. [jan. 2012]. Skype. Entrevistador: FONSECA, A. A. Arquivo digital: exmembro.mp3.

NOTAS

¹ Pesquisa realizada com financiamento do Programa Rumos Itaú Cultural.

² Fórmula híbrida que mistura as linguagens da propaganda e do jornalismo para vender um produto ou defender uma causa.

Recebido: 07.09.2014

Aceito: 25.11.2014

Endereço do autor:

André Azevedo da Fonseca <azevedodafonseca@gmail.com>

Universidade Estadual de Londrina

Rodovia Celso Garcia Cid – Pr 445 Km 380 – Campus Universitário

Centro de Educação, Comunicação e Artes – Depto de Comunicação – sala 3

Cx. Postal 10.011

86057-970 Londrina, PR, Brasil